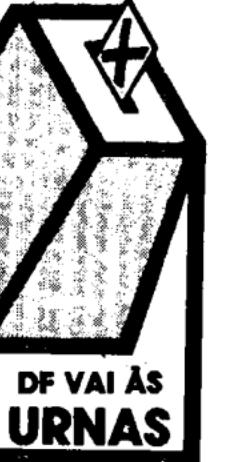


Lindberg quer ser nova opção eleitoral

Oswaldo Buarim Jr

O presidente regional do PMDB, Lindberg Cury, decidiu disputar o Senado pela coligação com o PL — que lançou a candidatura de Elmo Serejo para governador — para dar um perfil de centro-direita à aliança. Ele acredita que há campo mais fértil para colher votos na faixa de eleitores que procuram uma opção entre votar na chapa liderada por Joaquim Roriz representante do atual governo e dos defensores do



Plano Collor — e as candidaturas de esquerda do senador Maurício Corrêa e do petista Carlos Saravai e Saraiva.

“O setor de esquerda está muito disputado, e dificilmente vamos tirar votos do PDT e PT, mas há uma enorme área para ser administrada e vamos trabalhá-la”, disse Lindberg ontem pela manhã, ao anunciar oficialmente sua presença na chapa majoritária da coligação com o PL, PRS, PRP e PS. Ele afirmou que optou pela disputa de uma vaga no Senado Federal após “uma análise estatística” dos resultados eleitorais de 1986. Lindberg acredita que poderá repetir os 102 mil votos que obteve em 1986 e arregimentar também o eleitorado que naquela época votou em outros empresários.

Frankstein

A escolha de Ada de Lucca para

disputar o GDF como vice de Elmo Serejo, para a maioria dos membros da comissão executiva do PMDB, resolve dois problemas de uma só vez: 1) Dá um perfil um pouco mais esquerdista à chapa e “quebra o gelo” da sisudez do candidato a governador, indicado pelo Partido Liberal. 2) Disputa o eleitorado feminino com Márcia Kubitschek e ajuda a minar a coligação Roriz se houver debates na TV. O ex-presidente regional do PMDB, Milton Seligman, também poderia imprimir juventude à chapa de Serejo como candidato a vice, mas como candidato ao Senado tiraria votos de Pompeu de Sousa (PSDB) e deixaria todo o eleitorado à direita livre para o deputado Valmir Campelo, da coligação de Roriz.

Nem todo o PMDB, porém, con-

corda com esta avaliação. Os militantes ligados a Seligman acham que com Lindberg candidato ao Senado o partido perde o único nome de força para disputar uma vaga na Câmara dos Deputados, e existe a possibilidade de os candidatos a deputado distrital fazerem dobradinhas com candidatos a deputado federal de outros partidos, caracterizando o chamado voto Frankstein: “Braço” de um partido, “pernas” de outro e cabeça de um terceiro.

Os peemedebistas da ala de Seligman podem procurar políticos do PSDB ou PDT, onde há ex-companheiros de partido, e outros que defenderam a coligação com o PTR podem até defender junto aos eleitores o voto “camarão”, trocando a cabeça de chapa de Elmo pelo ex-governador Roriz.